



Sérgio Granadeiro



Clara Azevedo



TOMÁS TAVEIRA

➔ 40, foi por exemplo preterido na Exposição do Mundo Português (1940), o mesmo aconteceu ao melhor pintor vivo de então, Mário Eloy!

As semelhanças entre Cassiano e eu não são imediatas; no entanto existem. Há sempre semelhanças quando um qualquer criador original, não integrado no seio das famílias de artistas conservadores, é marginalizado pelos críticos ou pelas instituições que encomendam, ou mesmo pela associação de classe.

Eu fui preterido na Eutropália por exemplo, (e não só eu ao que parece...) por um anão cultural, que faz o seu trabalho dirigista e controlero, à semelhança de partidos, países e regimes de triste memória... à direita e à esquerda!... Isto é um sinal alarmante e muito grave do que se está a preparar, para esta última década e que se não houver a coragem de denunciar com energia pode transformar-se na morte da nossa cultura.

A cultura arquitectónica portuguesa, quer se queira quer não, não se resume ao Bairro Alto, nem aos compadrios históricos ou circunstanciais; no entanto, a cultura portuguesa não é discutida nem dialogada, nos meios de comunicação social, não é dialogada em aréopagos como a Faculdade de Arquitectura ou a Associação dos Arquitectos nem... na quase defunta Associação Int. dos Críticos de Arte (Secção Portuguesa)... Logo, há caminho aberto para os oportunistas.

Assim, é difícil impor a inteligência do pluralismo estético, do pluralismo da imaginação e naturalmente é difícil travar os conservadores, os dirigistas e os anões culturais.

Semelhanças entre mim e Cassiano existem como se vê, e são apenas explicitáveis pela mediocridade cultural e miopia social. No entanto, espero vir a ter um fim diferente dele, isto é, espero ter força e saúde para com a ajuda das pessoas realmente cultas levar o meu trabalho de artista e de resistente a bom termo sem ter que me vender!

Como comenta afirmações que, a propósito da exposição sobre Cassiano, accentuam a incompreensão de que ele teria sido vítima por parte dos modernistas de 50?

NOS ÚLTIMOS anos agentes culturais e comunicação social têm-se debruçado com frequência sobre temas e figuras de Arquitectura. De entre elas, uma tem sido enfocada numa sequência que, contudo, ao atenuar traços da sua vida e obra e ao evidenciar outros, se encaminha para a criação de um mito. De onde não viria mal para ninguém. A eleição de um arquitecto-herói poderia enriquecer o campo da cultura arquitectónica portuguesa, se a História não ensinasse que o mito engendra a seita e a seita gera o caudilho que se apossa do mito e do herói e se assume como sua imagem e representante. Olha-se à volta: já se vislumbra a colagem dos que pretendem ser os Cassianos Brancos dos anos 90.

O mito Cassiano Branco apresenta-o como pioneiro e defensor do Movimento Moderno, perseguido, homem de esquerda, malquistado por homens de esquerda, irreverente, solitário, acusado pelo Poder e pelos seus pares. O que, como todos os mitos, tem fundo de verdade mas se desloca da realidade. A análise da personalidade e da vida de Cassiano coloca a velha questão se um facto ou uma figura histórica devem ser analisados na sua contemporaneidade ou na óptica da contemporaneidade do analista.

Oprando pela primeira alternativa talvez se chegue a saber a razão pela qual Cassiano Branco terá sido um solitário em relação à classe profissional a que pertencia. (...) Ou porque, nos próprios, alunos da ESBAL na década de 50, apogeu da vida profissional de Cassiano Branco, não nos recordemos de o ver na corte dos nossos heróis, ao lado de Keil do Amaral, Jorge Segurado, Alberto Pessoa, Rui Atouguia e Formosinho Sanchez, Teófilo Pereira, Manuel Tainha ou Maurício de Vasconcelos, nomeando só os de Lisboa. Talvez porque se vivia numa ➔

D. Henrique para Sagres e quando, em 1955, apresenta novo projecto, as datas até parecem trocadas. Até o palda segunda geração de modernistas, Keil do Amaral, desliza para a monumentalidade quando lhe é solicitado o desenho para os pilares do Parque Eduardo VII.

A um leigo até parece que o que eles gostavam mesmo era de desenhar, podendo fazê-lo nos mais variados géneros, como se fossem, acima de tudo, híbridos com talento. Provavelmente assim seria. A boa moda portuguesa, o nosso primeiro modernismo terá sido em boa medida uma questão de pele.

M.P.

a juventude, o trabalho, a alegria de viver, filmes de uma concepção técnica e dramática audaz». Numa palavra, a afirmação da compatibilidade cosmopolita entre modernismo e nacionalismo.

Pela mesma época, recorde-se, Pessoa divulgava a sua Mensagem. Em um ou dois anos mais tarde começaram os preparativos para o grande espectáculo da fachada do regime: a Exposição do Mundo Português. Aquela que José-Augusto França diz ter constituído «um êxito merecido pelo esforço de muitas dezenas de artistas que ganharam a aposta modernista contestada pela

facção mais reacçãoária do Regime. Mas que ganharam perdendo — porque o próprio modernismo que António Ferro institucionalizara (...) passou a mão à vela monumentalista de Duarte Pacheco».

A DERIVA nacionalista era uma inevitabilidade dos tempos. Mesmo a resposta cultural da oposição política ao nacionalismo do discurso oficial não se situou, excepção feita ao domínio da arquitectura, em referências internacionais. Em 40 está constituída a corrente neo-realista, e que traduz ela senão a busca de raízes e

razões nacionais contra o Regime? Neste contexto, a primeira geração modernista de arquitectos só poderia continuar a sê-lo se tivesse outra consistência teórica e política. Com efeito, mesmo no período áureo das edificações modernistas, quase todos continuam a desenhar «português». Em 1929, os irmãos Rebelo apresentavam o pavilhão português na Exposição Universal de Sevilha (ainda hoje o nosso Consulado) de um classicismo acabado, ao mesmo tempo que desenhavam o moderníssimo Arsenal do Alfeite.

Em 1933, Cassiano corre ao monumento ao Infante